

UMAMAGIAMAISESCURA

Título original: *A Darker Shade of Magic*

Autor: V. E. Schwab

Copyright © 2015 Victoria Schwab

Todos os direitos reservados.

**Publicado por acordo com o autor, mediante a Baror International Inc.,
Armonk, Nova Iorque, E.U.A.**

Tradução: José Loja

Revisão: Inês Fraga

Paginação: João Jegundo

Capa de FBA sobre *design* de Will Staehle

Biblioteca Nacional de Portugal – Catalogação na Publicação

SCHWAB, V. E.

Uma magia mais escura
ISBN 978-989-99785-7-7

CDU 821.111(73)-312-9"20"

Depósito Legal n.º 424324/17

Impressão e acabamento:

Papelmunde

para

Minotauro

em

abril de 2017

Esta obra está protegida pela lei. Não pode ser reproduzida,
no todo ou em parte, qualquer que seja o modo utilizado,
incluindo fotocópia e xerocópia, sem prévia autorização do Editor.
Qualquer transgressão à lei dos Direitos de Autor será passível
de procedimento judicial.

V. E. SCHWAB
UMAMAGIAMAISESCURA



MINOTAURO

Para aqueles que sonham com os mundos mais estranhos.

*A magia não é uma questão de força, mas de equilíbrio.
Eis o dilema: com pouco poder, tornamo-nos fracos; com
demasiado, transformamo-nos noutra coisa completamente
diferente.*

TIEREN SERENSE,
Sumo Sacerdote do Santuário de Londres

UM

O VIAJANTE

I



Kell vestia um casaco muito peculiar.

Não tinha um lado, o que seria convencional, nem dois, o que seria inesperado, mas *vários*, o que era, naturalmente, impossível.

Ao passar de uma Londres para outra, a primeira coisa que fazia era tirar o casaco e virá-lo uma, duas (ou até três) vezes até encontrar o lado de que precisava. Nem *todos* eles eram elegantes, mas cada um servia um propósito. Havia os que se misturavam com o mundo, os que se destacavam e um que não servia nenhum propósito, mas do qual gostava particularmente.

Por isso, quando Kell atravessou a parede do palácio e entrou na antecâmara, parou por uns instantes para se recompor: viajar entre mundos causa algumas mazelas. De seguida, despiu o casaco vermelho de colarinho alto, virou-o do avesso da direita para a esquerda, até que se transformou numa simples jaqueta preta. Bom, uma simples jaqueta preta elegantemente revestida com linha prateada e adornada com duas colunas brilhantes de botões prateados. Lá porque adotara uma paleta mais modesta no estrangeiro (não desejando ofender a realeza local ou chamar muito a atenção), não significava que tivesse de sacrificar o estilo.

Oh, pelos reis, pensou Kell enquanto abotoava o casaco. Estava a começar a pensar como Rhy.

Na parede atrás de si, mal conseguia ver o vestígio do símbolo deixado pela sua passagem. Como uma pegada a dissipar-se na areia.

Nunca se preocupara em marcar a porta a partir *deste* lado, simplesmente porque nunca regressava pelo mesmo caminho. A distância entre Windsor e Londres era muitíssimo inconveniente, tendo em conta que, enquanto viajava entre mundos, Kell só conseguia mover-se entre um ponto de um e o *exato* mesmo ponto de outro. O que era um problema porque não havia qualquer Castelo de Windsor a um dia de viagem da Londres *Vermelha*. De facto, Kell tinha acabado de atravessar a parede de pedra de um pátio que pertencia a um cavalheiro abastado de uma vila chamada Disan. Só por si, Disan era um lugar bastante agradável. Windsor, não. Impressionante, sem dúvida. Mas não agradável. Um balcão de mármore estendia-se pela parede e, em cima, como sempre acontecia, encontrava-se uma bacia com água à sua espera. Lavou a mão ensanguentada, bem como a moeda prateada que usara para a passagem, e passou pela cabeça o fio ao qual ela estava presa, guardando-a novamente dentro da gola. No corredor em frente, conseguia ouvir pés a arrastarem-se, o murmúrio de criados e guardas. Escolhera a antecâmara precisamente para os evitar. Sabia muito bem quanto a sua presença ali desagradava ao príncipe regente, e a última coisa que Kell queria era um público, um aglomerado de ouvidos, olhos e bocas que iriam reportar ao soberano os pormenores da sua visita.

Por cima do balcão e da bacia, pendia um espelho numa moldura dourada. Kell examinou rapidamente o seu reflexo. O cabelo, castanho-arruivado, caía-lhe por cima de um olho, mas não o compôs, embora tenha alisado os ombros do casaco antes de transpor umas portas que levavam ao seu anfitrião.

O calor naquele quarto era asfixiante – as janelas estavam trancadas apesar de ser um maravilhoso dia de outubro – e um fogo ardia opressivo na lareira.

George III encontrava-se sentado junto dela, um manto mirrando-lhe o corpo murcho e um tabuleiro com chá intocado diante dos joelhos. Quando Kell entrou, o rei agarrou-se à cadeira.

– Quem vem lá? – perguntou sem se voltar. – Ladrões? Fantasmas?

– Não creio que os fantasmas lhe respondessem, Vossa Majestade
– comentou Kell, anunciando-se.

O rei enfermo soltou um sorriso apodrecido.

– Mestre Kell – disse –, tardaste em vir.

– Não mais de um mês – corrigiu, avançando. O rei George cerrou os olhos cegos.

– Foi há mais tempo, tenho a certeza.

– Prometo-vos que não.

– Talvez não para *ti* – comentou o rei. – Mas o tempo não passa da mesma maneira para os loucos e os cegos.

Kell sorriu. O rei estava em boa forma hoje. Nem sempre assim era. Nunca sabia ao certo em que estado o encontraria. Talvez lhe parecesse mais do que um mês porque da última vez que Kell o visitara, o rei estava de mau humor, e Kell mal conseguira acalmar-lhe os nervos o suficiente para lhe entregar a sua mensagem.

– Talvez tenha sido o ano a mudar – continuou o rei. – E não o mês.

– Ah, mas garanto-vos que o ano é o mesmo.

– E que ano é esse?

O sobrolho de Kell franziu-se.

– Mil oitocentos e dezanove – disse.

O rosto do rei George cerrou-se. Depois, limitou-se a abanar a cabeça, dizendo «*O tempo...*», como que se essa única palavra pudesse ter a culpa de tudo.

– Senta-te, senta-te – acrescentou, gesticulando. – Deve haver outra cadeira por aqui, algures.

Não havia. O quarto era escandalosamente espartano, e Kell tinha a certeza de que as portas estavam trancadas por fora e não por dentro.

O rei ergueu uma mão rugosa. Tinham-lhe tirado os anéis, para impedir que se magoasse, e as unhas haviam sido cortadas até ao sabugo.

– A minha carta – pediu e, por um instante, Kell vislumbrou o George de antigamente. Régio.

O visitante apalpou os bolsos e apercebeu-se de que se esquecera de retirar a carta antes da mudança. Despiu o casaco e virou-o até que se transformasse no vermelho, mergulhando a mão nos bolsos para encontrar o envelope. Quando o depositou na mão do rei, ele afagou-o, acariciou o lacre, o emblema do trono vermelho, um cálice com um sol nascente, e levou-o ao nariz, inalando.

– Rosas – suspirou, melancolicamente.

Referia-se à magia. Kell nunca tinha reparado no ligeiro perfume aromático da Londres Vermelha que se lhe colava às roupas, mas, sempre que viajava, alguém acabava por lhe dizer que cheirava a flores recém-colhidas. Alguns afiançavam ser túlipas. Outros, lírios orientais. Crisântemos. Peónias. Para o rei de Inglaterra, eram sempre rosas.

Kell ficava feliz por se tratar de um odor agradável, mesmo que não o conseguisse sentir. Conseguia cheirar a Londres Cinzenta (era fumo) e a Londres Branca (era sangue), mas, para ele, a Londres Vermelha tinha tão-só o aroma a casa.

– Abre-a – instruiu o rei. – Mas não estragues o lacre.

Kell obedeceu e retirou o conteúdo. Pela primeira vez, sentiu-se grato por o rei não conseguir ver, pois, assim, não saberia quão breve a carta era. Três curtas linhas. Uma cortesia feita a um chefe nominal enfermo e nada mais.

– É da minha rainha – explicou Kell.

O rei anuiu.

– Continua – ordenou, o semblante majestoso em conflito com o seu aspeto frágil e voz vacilante. – *Continua*.

Kell engoliu em seco.

– «Cumprimentos a sua Majestade, rei George III» – leu – «, de um trono vizinho.»

A rainha não se lhe referia como trono *vermelho* nem enviava cumprimentos da Londres *Vermelha* (apesar de a cidade ser, de facto, carmesim, graças à luz do rio, rica e penetrante), porque não pensava nela assim. A seu ver, e para qualquer outra pessoa que habitasse apenas uma Londres, existia muito pouca necessidade de as diferenciar. Quando os governantes de uma conversavam com os de outra, limitavam-se a chamá-los *outros*, ou *vizinhos*, ou, em algumas ocasiões (em particular, em relação à Londres Branca), usando termos menos lisonjeiros.

Só quem conseguia mover-se através das várias Londres precisava de uma forma de as identificar. Ora, fora por isso que, inspirado na cidade perdida conhecida por todos como a Londres Negra, Kell dera uma cor a cada capital remanescente.

Cinzento para a cidade sem magia.

Vermelho para o império saudável.

Branco para o mundo faminto.

Na verdade, as cidades em si tinham poucas semelhanças (e os países em volta e mais além, ainda menos). O facto de todas se chamarem *Londres* era um mistério, apesar de a teoria prevalente ser a de que uma das cidades ganhara esse nome há muito tempo, antes de as portas terem sido todas fechadas e só puderem ser trocadas cartas entre reis e rainhas.

Quanto a qual fora a primeira a reclamar o nome para si, ninguém chegava a consenso.

– «Esperamos encontrá-lo de boa saúde» – continuou a carta da rainha – «e que a estação na vossa cidade seja tão amena como a nossa.»

Kell deteve-se. Não havia mais, além de uma assinatura. O rei George torceu as mãos.

– É só isso que diz? – perguntou.

Kell hesitou.

– Não – retorquiu, dobrando a carta. – É apenas o começo.

Aclarou a voz e começou a andar de um lado para o outro enquanto punha as ideias em ordem e lhes dava o tom da rainha.

– Obrigada por perguntar pela nossa família, diz ela. O rei e eu encontramos-nos bem. Já o príncipe Rhy, esse, continua a impressionar-nos e enfurecer-nos em igual medida, mas ao menos passou o mês sem partir o pescoço ou encontrar uma noiva inadequada. Louvado seja Kell por impedi-lo de fazer uma dessas coisas ou ambas.

Kell estava disposto a deixar que a rainha continuasse a elogiar as suas virtudes, mas, nesse instante, o relógio de parede bateu as cinco horas. Praguejou em silêncio. Estava atrasado.

– Até à minha próxima carta – terminou, apressado –, mantenha-se feliz e de boa saúde. Com apreço, A Sua Majestade Emira, rainha de Arnes.

Kell esperou que o rei dissesse algo, mas os seus olhos cegos tinham uma expressão fixa e distante. Receou tê-lo perdido. Colocou a carta dobrada no tabuleiro de chá e já se encontrava a meio caminho da parede quando o rei falou.

– Não tenho uma carta para ela – murmurou.

– Não faz mal – retorquiu Kell delicadamente.

O rei já não era capaz de escrever havia anos. Em alguns meses tentava, arrastando a pena ao acaso sobre o pergaminho; noutros, insistia

que Kell transcrevesse as suas palavras, mas, na maior parte, limitava-se a transmitir-lhe a mensagem, e Kell prometia lembrar-se.

– Sabes, não tive tempo – acrescentou, tentando salvar uma ponta da sua dignidade. Kell concedeu-lhe isso.

– Compreendo – disse. – Transmitirei os vossos cumprimentos à família real.

Fez novamente menção de partir, e uma vez mais o rei o chamou.

– Espera, espera – disse. – Volta.

Kell deteve-se. Os olhos passaram pelo relógio. Era tarde e entardecia a cada segundo. Imaginou o príncipe regente, sentado à mesa em St. James, agarrado à cadeira numa fúria silenciosa. O pensamento levou-lhe um sorriso aos lábios, pelo que voltou a aproximar-se do rei enquanto este tirava desajeitadamente algo do manto.

Era uma moeda.

– Está a desvanecer – disse o rei, envolvendo-a com as mãos cansadas como se fosse preciosa e frágil. – Já não lhe sinto a magia. Já não a consigo cheirar.

– Uma moeda é uma moeda, Vossa Majestade.

– Não é assim, e tu bem sabes – resmungou o velho rei. – Revira os bolsos.

Kell suspirou.

– Vou meter-me em apuros

– Vá, vá – insistiu o rei. – É um segredo nosso.

Kell mergulhou a mão no bolso. Da primeira vez que visitara o rei de Inglaterra, dera-lhe uma moeda como prova de quem era e de onde vinha. A história acerca das outras Londres era confiada à coroa e passada de herdeiro em herdeiro, mas há anos que um viajante ali ia. O rei George deparara-se com um rapazito frágil, olhara-o de soslaio e esticara-lhe a mão grossa; Kell pousara-lhe a moeda na palma. Era um simples lin, muito parecido com o xelim cinzento, mas com uma estrela vermelha ao invés do semblante real. O rei fechara o punho e levava-o ao nariz, inalando aquele aroma. Depois, sorriera, guardara a moeda no casaco e convidara Kell a entrar.

Desde então, sempre que Kell o visitava, o rei insistia que a moeda perdera a magia e pedia-lhe que a trocasse por outra, nova e quentinha. Kell insistia sempre que era proibido (e era-o, expressamente) e o rei

retorquia sempre que aquilo seria o seu o segredo. Kell suspirava, retirando do casaco um novo pedaço de metal.

Agora, retirava o velho lin da palma do rei e substituía-o por um novo, dobrando gentilmente os dedos rugosos de George num punho.

– Sim, sim – arrulhou o monarca enfermo para a moeda que lhe repousava na mão.

– Trate bem de si – disse Kell, girando sobre os calcanhares.

– Sim, sim – retorquiou o rei, imergindo nos seus pensamentos até ficar perdido para o mundo e para o seu convidado.

No canto do quarto, as cortinas juntavam-se. Kell afastou o tecido pesado, expondo uma marca no papel de parede estampado. Um simples círculo, dividido ao meio por uma linha, desenhada a sangue um mês antes. Uma outra parede, num outro quarto, num outro palácio, ostentava aquela mesma marca. Eram os puxadores dos dois lados de uma mesma porta.

O sangue de Kell, quando aliado à insígnia, permitia-lhe mover-se *entre* mundos. Não precisava de especificar um lugar porque, estivesse onde estivesse, era nesse mesmo lugar que iria parar. Mas, para criar uma porta *dentro* de um mundo, ambos os lados tinham de estar marcados com exatamente o mesmo símbolo.

Quase igual não era suficiente. Kell descobrira-o da pior maneira.

O símbolo na parede ainda estava nítido da sua última visita, as orlas tão-só ligeiramente manchadas, mas isso pouco importava. Tinha de ser refeito.

Arregaçou a manga e tirou a faca que trazia presa à parte de dentro do antebraço. Era um objeto belo, aquela faca, uma obra de arte, prateada da ponta ao cabo e com as letras *K* e *L* em monograma.

A única lembrança de uma vida passada. Uma vida que desconhecia. Ou da qual, pelo menos, não se lembrava.

Kell levou a lâmina às costas do antebraço. Já cortara uma linha naquele mesmo dia, para a porta que o trouxera até ali. Agora, talhou uma segunda. O sangue, de um vermelho-rubi vivo, corria. Guardou a faca na bainha, tocou com os dedos no corte e, depois, na parede, redesenhando o círculo e a linha que o atravessava. Tapou a ferida com a manga (trataria dos cortes mal regressasse a casa) e voltou a deitar um

olhar para trás, para o rei balbuciante, antes de pressionar a palma da mão aberta de encontro à marca na parede.

Zunia com magia.

– *As Tascen* – disse. – *Transferir*.

O papel estampado ondulou, amoleceu e cedeu ante o toque de Kell, que deu um passo em frente e o atravessou.

II



Em dois passos, a desoladora Windsor metamorfoseou-se na elegante St. James. A cela abafada deu lugar a tapeçarias lustrosas e a prata polida. Os queixumes do rei louco foram substituídos por uma calma pesada e um homem sentado à cabeceira de uma mesa ornamentada, segurando num cálice de vinho com uma expressão claramente irritada.

– Estás atrasado – observou o príncipe regente.

– As minhas desculpas – retorquiu Kell com uma vénia demasiado curta. – Tinha outra incumbência.

O príncipe regente pousou o cálice.

– Pensei que *eu* era a tua incumbência, Mestre Kell.

Kell endireitou-se.

– As minhas ordens, Vossa Majestade, foram para atender primeiro ao *rei*.

– Gostava que não o incentivasses – retorquiu o príncipe regente com um gesto da mão que denotava desinteresse. Também se chamava George. Kell achava aquele hábito de os filhos tomarem os nomes dos pais, típico da Londres Cinzenta, redundante e confuso. – Deixa-o demasiado excitado.

– E isso é mau? – perguntou Kell.

– Para ele, sim. Mais tarde, vai andar num frenesim, a dançar em cima das mesas e falar de magia e de outras Londres. Que truque lhe fizeste desta vez? Convenceste-o de que consegue voar?

Kell só cometera semelhante erro uma vez. Soubera na sua visita seguinte que o rei de Inglaterra por pouco não saltara de uma janela. Do terceiro andar.

– Asseguro-vos de que não fiz quaisquer demonstrações.

O príncipe George apertou a cana do nariz.

– Ele já não consegue conter-se como dantes. É por isso que está confinado aos seus aposentos.

– Aprisionado, quer dizer?

O príncipe George passou a mão pela orla dourada da mesa.

– Windsor é um lugar perfeitamente respeitável para se ser mantido.

Uma prisão respeitável não deixa de ser uma prisão, pensou Kell, retirando uma segunda carta do bolso do casaco.

– A vossa correspondência.

O príncipe obrigou-o a ficar ali em pé enquanto lia a missiva (nunca mencionava o seu odor a flores) e depois retirava do bolso interior do casaco uma resposta semielaborada e a terminava. Estava claramente a levar o seu tempo para irritar Kell, mas ele não se importava. Distraiu-se tamborilando os dedos na extremidade da mesa dourada. Sempre que completava uma volta entre mindinho e indicador, uma das muitas velas da divisão apagava-se.

– Deve ser uma aragem – comentou, despreocupado, enquanto a mão do príncipe regente se cerrava com cada vez mais força em redor da pena. Quando chegou ao fim da carta, havia partido dois bicos e estava de mau humor. Já Kell, esse, sentia-se radiante.

Estendeu a mão para receber a missiva, mas o príncipe regente não lha entregou. Em vez disso, levantou-se da mesa.

– Estou dorido de ter ficado tanto tempo sentado. Caminha comigo.

Kell não era grande fã da ideia. Porém, como não podia regressar sem uma resposta, viu-se forçado a fazer-lhe o obséquio, mas não sem antes meter ao bolso a última pena do príncipe, ainda intacta, que repousava em cima da mesa.

– Regressas de imediato? – perguntou o príncipe enquanto conduzia Kell por um corredor e até uma porta discreta semiencoberta por uma cortina.

– Em breve – disse Kell, acompanhando-o. Dois membros da guarda real haviam-se-lhes juntado no corredor e seguiam-nos furtivos lembrando sombras. Kell sentia-lhes o olhar e ponderou no que saberiam eles acerca do seu convidado. Os membros da realeza encontravam-se sempre a par das suas visitas, estando a cargo de cada um escolher se queria partilhar informações com os seus serviçais.

– Pensei que os teus deveres se cingiam a mim – disse o príncipe.

– Sou grande admirador da vossa cidade – respondeu Kell com ligeireza. – E a minha ocupação é desgastante. Passearei um pouco para apanhar ar e depois regressarei.

A boca do príncipe era uma linha fina e sombria.

– Temo que o ar aqui, na cidade, não seja tão refrescante como no campo. Qual é mesmo o nome que nos dás... Londres Cinzenta? Nos tempos que correm, é demasiado adequado. Fica para jantar.

Quase todas as frases do príncipe eram declarativas. Até mesmo as perguntas. Já Rhy fazia o mesmo. Kell julgava ser consequência de nunca lhes ter sido dito um não.

– Ficarás melhor aqui – pressionou o príncipe. – Deixa-me animar-te com vinho e companhia.

Parecia uma oferta bastante generosa, mas o príncipe regente não era generoso.

– Não posso ficar – disse Kell.

– Insisto. A mesa já está posta.

E quem virá?, questionou-se Kell. Que queria o príncipe? Exibi-lo? Kell suspeitara em inúmeras ocasiões de que ele adoraria fazê-lo, quanto mais não fosse porque o jovem George achava os segredos incómodos, preferindo o espetáculo. Porém, apesar de todas as falhas, o príncipe não era estúpido. Ora, só alguém de parca inteligência daria a Kell a oportunidade de se destacar. A Londres Cinzenta esquecera há muito a magia. Não seria Kell quem viria reavivar-lhes a memória.

– Uma gentileza excessiva, Vossa Majestade, mas sou mais útil como espetro do que como espetáculo.

Kell inclinou a cabeça o suficiente para que o cabelo acobreado se afastasse dos olhos, não apenas do esquerdo, de um azul cristalino, mas também do direito, de um negro denso. Um preto que ia de uma

ponta à outra, enchendo córnea e íris. Não havia nada de humano nele. Era magia pura. A marca de um mago de sangue. De um *Antari*.

Sentiu-se satisfeito com o que viu nos olhos do príncipe regente quando tentaram fazer frente aos seus. Cautela, desconforto... e medo.

– Sabe por que motivo são os nossos mundos mantidos separados, Vossa Majestade? – Não esperou pela resposta do príncipe. – É para manter o vosso a salvo. É que um tempo houve, um muito distante, em que não estavam separados. Em que se abriam as portas entre o vosso mundo, o meu e até outros e qualquer um com uma nesga de poder as podia atravessar. Até a própria magia.

– Mas o curioso acerca da magia – acrescentou Kell – é que se alimenta dos teimosos e fracos. Ora, um dos mundos não se conseguiu controlar. As pessoas alimentaram-se da magia, e a magia, delas até lhes ter devorado os corpos, as mentes e, depois, as almas.

– Londres Negra – murmurou o príncipe regente.

Kell aquiesceu. Não fora ele a dar a cor à cidade. Todos, pelo menos na Londres Vermelha e na Branca, assim como uns quantos na Cinzenta, conheciam a lenda da Londres Negra. Era uma história de embalar. Um conto de fadas. Um *aviso*. Sobre a cidade, sobre o mundo, que já não existia.

– Sabe o que a Londres Negra e a vossa têm em comum, Vossa Majestade? – Os olhos do príncipe regente estreitaram-se, mas não o interrompeu. – Ambas carecem de moderação – explicou Kell. – Ambas cobiçam o poder. A vossa Londres só existe porque foi afastada da magia. Aprendeu a esquecer. Não quererá que se lembre.

O que Kell não disse foi que nas veias da Londres Negra corria uma magia abundante e que na Londres Cinzenta mal havia um vestígio. Queria marcar uma posição. E, aparentemente, conseguira-o. Desta vez, quando estendeu a mão para recolher a missiva, o príncipe não recusou, nem sequer resistiu. Kell guardou o pergaminho no bolso, junto à pena que tinha roubado.

– Como sempre, muito obrigado pela vossa hospitalidade – despediu-se, esboçando uma vénia exagerada.

Com um estalar de dedos, o príncipe regente chamou um guarda.

– Certifica-te de que o Mestre Kell sabe por onde ir.

Depois, sem mais não, virou-lhe costas e afastou-se.

Os guardas reais deixaram Kell na orla do parque. O Palácio de St. James erguia-se atrás dele. À sua frente, a Londres Cinzenta. Inspirou e sentiu o aroma a fumo no ar. Por muito que ansiasse voltar a casa, tinha assuntos a tratar e, depois de lidar com as enfermidades do rei e a atitude do príncipe, bem precisava de uma bebida. Limpou as mangas, endireitou a gola e partiu rumo ao coração da cidade.

Os pés levavam-no pelo St. James Park, por um trilho de terra junto ao rio. O sol punha-se e o ar estava fresco, embora não limpo, uma brisa outonal fazendo esvoaçar as abas do casaco negro. Deparou com uma ponte pedonal de madeira que atravessava o lago. O som das suas botas era suave ao atravessá-la. Deteve-se a meio, a Buckingham House, atrás de si, iluminada por lanternas, e o Tamisa à sua frente. A água marulhava suavemente sob as ripas de madeira. Pousou os cotovelos no parapeito e olhou para baixo. No momento em que dobrou os dedos, meio ausente, a corrente parou, a água detendo-se, lisa como vidro.

Analisou o seu reflexo.

Não és assim tão bem-parecido, dizia Rhy sempre que o apanhava a olhar para um espelho.

Não me farto de olhar para mim, respondia-lhe Kell, apesar de nunca estar a olhar para si – não para si enquanto *todo*. Apenas para o olho. O direito. Até mesmo na Londres Vermelha, onde a magia prosperava, ele o destacava. Marcava-o sempre como *outro*.

À direita, ecoou uma risada tilintante, seguida por um grunhido e outros barulhos menos distintos. Kell soltou a mão, as águas movendo-se novamente. Seguiu caminho até que o parque cedeu lugar às ruas de Londres e, de seguida, à possante Westminster. Kell nutria um carinho especial pela abadia, fazendo-lhe um cumprimento da cabeça, como quem avista um velho amigo. Apesar da fuligem e do pó, da balbúrdia e da pobreza, esta Londres tinha algo que faltava à Londres Vermelha: uma resistência à mudança. Um apreço pelo duradouro e pelo esforço necessário para que assim permanecesse.

Quantos anos haviam sido necessários para construir a abadia? Quantos mais permaneceria erigida? Na Londres Vermelha, os gostos mudavam tão depressa como as estações e, com eles, os edifícios eram construídos e deitados abaixo, sendo refeitos em moldes distintos. A magia simplificava tudo. *Por vezes*, pensou Kell, até *demasiado*.

Noites houve, na sua terra, em que se sentiu adormecer num lugar e acordar noutra diferente. Mas aqui, a Abadia de Westminster perdurava, sempre à espera de o cumprimentar.

Kell avançou para lá da gigantesca estrutura de pedra, pelas ruas apinhadas de carruagens, seguindo por uma rua estreita que abraçava o jardim do decano, murado por paredes musgosas. A rua, já de si estreita, estreitou ainda mais até que terminou frente a uma taverna.

Kell deteve-se aí também, despindo o casaco. Virou-o uma vez mais da direita para a esquerda, trocando aquela vestimenta negra com botões prateados por um visual mais modesto, mais urbano: um casaco castanho de colarinho alto com bainhas desgastadas e cotovelos coçados. Bateu ao de leve nos bolsos e, satisfeito por estar pronto, entrou.